

O ENGAJAMENTO DA IGREJA NA ARENA PÚBLICA NO CONTEXTO AFRICANO

Tomás Chumbe Messele¹

RESUMO

O crescimento fenomenal da Igreja africana traz consigo inúmeros desafios. É preciso intensificar o ministério de ensino e discipulado na igreja africana. Isto exige instrumentos adequados para atender trabalhadores, sociedade civil, pastores, seminaristas, teólogos, pregadores leigos e professores de educação cristã a fim de exercerem suas vocações na arena pública. Assim sendo, o artigo discorre a respeito da natureza da igreja na arena pública no contexto africano. O artigo enaltece uma teologia relevante para o contexto africano que emerge da realidade do próprio africano e que dá partida, no engajamento da igreja africana na arena pública considerando o contexto religioso, social, ambiental, político e econômico do povo africano.

Palavras-chave: Igreja Missional, Teologia Contextual, Impacto, Igreja Africana

ABSTRACT

The phenomenal growth of the African Church brings with it numerous challenges. It is necessary to intensify the ministry of teaching and discipleship in the African church. This requires adequate instruments to assist workers, civil society, pastors, seminarians, theologians, lay preachers and Christian education teachers in order to exercise their vocations in the public arena. Therefore, the article discusses the nature of the church in the public arena in the African context. The article praises a theology relevant to the African context that emerges from the reality of the African himself and that initiates the engagement of the African church in the public arena considering the religious, social, environmental, political, and economic context of the African people.

Keywords: Missional Church, Contextual Theology, Impact, African Church.

¹ Tomás Chumbe Messele, bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Huambo-CBA, mestrando em Missiologia no Seminário Teológico Batista do Huambo-CBA

INTRODUÇÃO

No decorrer de nossas aulas de Desafios em África Hoje e Restrospectivas Históricas, no curso de mestrado em missiologia, fomos desafiados em muitos aspectos da nossa atuação missionária ocidental como igreja em África. Esta atuação missionária ocidental de alguma forma tem gerado um cristianismo deslocado dos africanos e do contexto africano, dificultando o engajamento da igreja africana na arena pública. Reconhecemos e celebramos o envolvimento ocidental na expansão do Evangelho em África, por outro lado esse envolvimento deixou lacunas fortes no cristianismo africano, principalmente no exercício igreja como comunidade missional africana.

Estamos em uma época em que formar uma identidade africana além do colonialismo está no topo da agenda das igrejas e teólogos africanos. Hoje encontramos pessoas e nações em crise de identidade, é a identidade que define quem somos e o que podemos fazer. Segundo Nkrumah: “Nossa independência é carente de sentido se não for ligada à libertação de todo o continente africano”². O engajamento da igreja africana na arena pública, perde seu sentido quando ela é construída com viés do contexto ocidental ou de outro fora de África. Para que o engajamento da igreja africana na arena pública tenha sentido e identidade própria é preciso construí-la a partir do contexto africano com pensamentos de mentes africanas.

CONTEXTUALIZAÇÃO MISSIONAL

Há muitas práticas missionárias, convicções, suposições e modelos de mudança na África que não são mais pertinentes nos dias de hoje para os africanos. A negação geral da cultura e da personalidade africana, que aconteceu na chegada das missões ocidentais, roubou do cristianismo de África alguns dos seus fundamentos étnicos mais básicos e valiosos, os quais os cristãos africanos desejam recuperar, apesar de estarem um pouco perdidos na história.

² NKUMAH. **Luta de Classes na África**. Edições Nova Cultura. 2018, p. 14

Algumas características básicas das sociedades africanas como unidade familiar, matrimônio, parentesco, moralidade social e comunitário, além de conceitos sobre ética e justiça foram derrotados por forças seculares modernas que são hostis à sociedade africana e ao Evangelho de Cristo.

O cristianismo na África moderna está enfrentando muitas crises, parecendo incapaz de enfrentá-las porque não foram utilizadas certas características da cultura africana no estabelecimento do cristianismo em solo africano. “As igrejas africanas herdaram uma estrutura eclesiástica hierárquica, autoritária e burocrática dos missionários. Estas estruturas tenderam a arruinar o modo africano comunitário de vida. A recente ênfase pentecostal e carismática, baseada na perda da estrutura e na expressão religiosa espontânea, está agora dando origem a personalidade eclesiásticas poderosas e autoritárias”³. A procura por estruturas pertinentes que viabilizam o engajamento da igreja africana na arena pública, deve evitar aderir a forma das igrejas antigas quanto das novas igrejas pentecostais e carismáticas com vestes ocidentais.

Ao longo da história da igreja em África houve fatores que levaram a igreja em África a um modelo missional descontextualizado do povo africano, e isso gerou lacunas na missionalidade da igreja africana. Os preconceitos conceituais, históricos, culturais, espirituais e econômicos europeus geralmente colocam os africanos nos degraus mais baixos da escada do desenvolvimento humano. Além de ferir profundamente esses povos, transformou a fé cristã em África numa forma de reprodução e cópia, em última análise, sem raízes e sem alma. O cristianismo em África tornou-se uma religião aparentemente mais preocupada com a observação exterior de regulamentos e obrigações do que com convicção e transformação integral. A tese de fundo é que a teologia produzida no ocidente quando posta em contato com os africanos faz destes estranhos a eles mesmos, ou seja, eles precisam deixar de ser quem são para poder se encaixar nos modos do pensar ocidental.

Um dos pressupostos que contribui significativamente para o engajamento da igreja na arena pública é comunicação.

³ TAYLOR. **Missiologia Global para o século XXI**: A consulta de Voz de Iguaçu, p.380

A igreja africana precisa comunicar o evangelho, considerando as esferas de influência do povo em que vive, isto é, os aspectos culturais, religiosos, políticos, económicos, educacionais e sociais. Isso evitará com que os cristãos não:

“Subestimem a importância dos fatores culturais do seu povo na comunicação do evangelho. Alguns se preocupam tanto com a preservação da pureza do evangelho e das suas formulações doutrinárias que têm sido insensíveis aos padrões de pensamento e comportamento socioculturais das pessoas às quais proclamam o evangelho”⁴.

A Missão de Deus, realizada por meio do seu povo, sempre será exercida e desenvolvida em contextos específicos que possuem suas demandas e desafios específicos. Estudar tais contextos e desafios é uma tarefa imprescindível que deve ser levada a sério pela igreja na sua atuação missionária na arena pública. A contextualização se tornou um tema indispensável no estudo da Missiologia. Isso se aplica à leitura e interpretação das Escrituras. É conhecida a frase, atribuída ao teólogo suíço Karl Barth, que disse: “É preciso segurar numa mão a Bíblia e na outra o jornal”. Com isso queremos dizer que jamais devemos negligenciar o estudo das questões contextuais contemporâneas sempre em diálogo com a Palavra de Deus. Qual o risco de não se fazer isso? O risco é de uma mensagem colonizadora e descontextualizada, Segundo Lidório:

“Contextualizar o evangelho é traduzi-lo de tal forma que o senhorio de Cristo não será apenas um princípio abstrato ou mera doutrina importada, mas fator determinante de vida em toda sua dimensão e critério básico em relação aos valores culturais que formam a substância com a qual avaliamos o existir humano.”⁵

Contextualizar não é simplesmente fazer uma adaptação do Evangelho à cultura do povo receptor como se eles fossem um depósito bancário; ao contrário, é conhecer a cosmovisão do povo da melhor maneira, para conseguir conviver e comunicar-se de forma que o Evangelho todo penetre e transforme cosmovisões, valores, relacionamentos, costumes, e as esferas de influência do povo, de acordo com a vontade e as promessas de Deus para a humanidade. Segundo Wright:

⁴ NICHOLLS. **Contextualização**: uma teologia do evangelho e cultura. 1983, p. 7

⁵ LIDÓRIO. **Comunicação e Cultura**: a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto transcultural. 2014, p. 25

“Não podemos separar a humanidade do seu ambiente natural da terra. Fomos criados como parte dele e fomos criados para cuidar dele. O que quer que façamos na terra, seja bem ou mal, terá um impacto ecológico, devido à integração entre a vida humana e todas as outras vidas na terra, colhemos consequências das nossas ações”⁶.

A despreocupação com a contextualização torna o engajamento da igreja infrutífera, em vez de manifestar do reino de Deus na sociedade, ela se torna colonizadora, não se importando com o povo à sua volta. Essa despreocupação contextual faz com que: “encontramos templos de cimento para culturas de barro, pianos de calda para povos de tambores, terno e gravata para os de túnica e turbante, sapatos engraxados para pés descalço, estamos preocupados em exportar nossas culturas que esquecemos de apresentar o evangelho de Deus”⁷.

Precisamos entender o contexto e a cultura africana, para levar uma mensagem que realmente transforme, sem deixar, de forma alguma, de ser totalmente bíblica, a fim de transmitir Cristo de forma compreensível para as pessoas dentro das culturas e dos contextos que elas pertencem. Sabemos quão necessário é que a palavra de Deus alcance a nossa sociedade de forma geral: a família, a escola, a cultura, o trabalho, e os outros segmentos da sociedade.

“A igreja em África tem crescido bastante nos últimos anos diferentemente de outros continentes, embora esse crescimento seja em expansão e fraco na transformação de vidas e no ensino bíblico e contextualizado”⁸. Para que a igreja africana tenha impacto na arena pública em África precisará encarnar a Missão restauradora e redentora de Cristo, precisará criar metodologias e estratégias missionais, de fazer conhecido o Evangelho todo, que transforma o africano e a realidade de África. Construir ou seguir esses parâmetros com pensamentos eurocêntricos é como tirar um peixe do mar e colocá-lo no aquário, ele já não será o mesmo, ou seja, perderá a sua essência. É necessário pregar o evangelho todo ao africano todo, tendo em conta os desafios e inquietações de África.

⁶ WRIGHT. **A Missão do Povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. 2012, p.69

⁷ LIDÓRIO. **Sal e Luz**- Compreendendo, Vivendo e praticando a Missão. pg. 30

⁸ MBEWE. **O Projecto de Deus para a Igreja**: um guia para pastores e líderes africanos. 2022, p.15

Para tanto, precisamos levar o Evangelho de forma que cause impacto na arena pública. Nossa Missão não pode estar distanciada ou isolada da cultura e do contexto humano. O Evangelho não foi enviado ao mundo por um desejo divino desconectado da realidade humana, mas como solução divina perante a morte da humanidade e da natureza criada, sendo assim a condição humana caída e o universo amaldiçoado são as principais preocupações da igreja para no seu engajamento na arena pública, e Ela precisa ser contextual, para apurar as questões da atualidade e discuti-la, à luz do plano redentivo de Deus.

A IGREJA COMO COMUNIDADE MISSIONAL NA ÁFRICA

Ao longo da história da Igreja africana, o conceito predominante de Missão se configurava na direção do cristão ao perdido, como se o alvo de Deus fosse somente o perdido. Este pensamento dicotomizou e corrompeu a ação missionária da igreja em África e desencadeou uma triste realidade da igreja africana, porque hoje em toda África podemos ver um crescimento numérico de cristãos ou de igrejas (templos), mas pouco fruto e profundidade ou maturidade dos cristãos. A Missão é de Deus, ela envolve o mundo, a igreja e tudo que está relacionado nesta perspectiva. O engajamento da igreja na arena pública (mundo), não se configura em ganhar almas, porque o mundo não é composto por almas penadas, ele é composto por pessoas que têm origens, cultura, histórias, que são vendedores, trabalhadores, artistas, políticos, religiosos, médicos, esportistas, professores, empresários, engenheiros, agricultores.

O ponto de partida da igreja na arena pública, não pode ser o seu crescimento numérico, mas sim a manifestação e a propagação do reino de Deus, que consiste em paz, justiça, amor e alegria no Espírito Santo. Para que a igreja africana se engaje fielmente na Missão de Deus nesta sociedade contemporânea, ela precisa ter uma chave hermenêutica missional na sua leitura bíblica, que lhe possibilita olhar para a realidade ao seu redor e discerni-la à luz da Missão de Deus, no que Deus está a fazer e quer fazer no mundo à sua volta. Isto significa ler cada parte da escritura:

“À luz do propósito de Deus para toda a criação, incluindo a redenção da humanidade e a criação dos novos céus e da nova terra; à luz do propósito de Deus para a vida humana em geral no planeta, e de tudo o que a Bíblia ensina sobre a cultura

humana, sobre relações sociais, econômicas e políticas, sobre ética e comportamento; à luz da eleição histórica, por Deus, do Israel do Antigo Testamento, sua identidade e seu papel em relação às nações, e as exigências que ele fez quanto à sua adoração e sua ética; à luz da centralidade de Jesus de Nazaré, sua identidade messiânica e sua missão em relação ao Israel do Antigo Testamento e às nações, e de sua cruz e sua ressurreição; à luz do chamado de Deus para a igreja, a comunidade de judeus e gentios crentes, que constitui o povo da aliança com Abraão, para ser agente da bênção de Deus para as nações em nome e para a glória do Senhor Jesus Cristo”⁹.

A vida da igreja africana na arena pública, precisa ser é um reflexo da Missão de Deus no mundo e para o mundo. Tudo o que a igreja como comunidade missional faz, seja em serviço, em proclamação e adoração deve estar vinculada ao que Deus fez e está a fazer no mundo. Quando a igreja gera impacto transformacional na arena pública ela se torna uma comunidade missional, que não somente se reúne aos domingos ou sábados, mas que está nas praças e mercados, nas escolas e faculdades, nos governos e nas empresas, nos hospitais e nas casas, que está em toda a parte onde se regista a presença humana, onde cada um vive de forma redentora refletindo a glória de Deus e fazer convergir em Cristo todas as coisas.

“A igreja que se engaja na arena pública, se envolve na sociedade civil, seus membros devem estar preparados para trabalhar ao lado dos membros da sociedade civil que não são membros da igreja, e podem até representar diferentes afiliações religiosas, como a Religião Tradicional Africana ou o Islã. Ao reunir-se na sociedade civil, o objetivo não é debater as diferenças religiosas, mas trabalhar juntos para combater um mal como a corrupção e o nepotismo, ou para realizar ações que promovam o bem comum e traga o Shalom de Deus na cidade, ou seja, a prosperidade e o bem-estar de toda a comunidade”¹⁰, por exemplo:

“Em partes da Nigéria, líderes cristãos e muçulmanos trabalharam juntos para acalmar a hostilidade gerada pela violência inter-religiosa e criar oportunidades para jovens cristãos e muçulmanos se encontrarem regularmente em termos amistosos, digamos, num clube esportivo. Igrejas cristãs criaram campos de refugiados que oferecem abrigo a famílias muçulmanas deslocadas pela violência religiosa.

⁹ WRIGHT. **Reformado quer dizer Missional**, p.13

¹⁰ AGANG. **Teologia Pública Africana**. 2022, p.150

Na África do Sul, grupos com valores muito diferentes se uniram como co-beligerantes para combater o apartheid¹¹.

Esses actos são exemplos de ações do engajamento da igreja na arena pública no contexto africano em tempos de crises. O mundo em que vivemos está em crise, enfrentamos crises culturais, crises morais, crises em todas as esferas da sociedade, e a igreja precisa discernir essas crises como oportunidade. Segundo Bosh: “a crise é o ponto onde o perigo e a oportunidade se encontram. Entretanto, só podemos fazer justiça à nossa elevada vocação se reconhecemos a presença tanto do perigo quanto da oportunidade e executamos nossa missão dentro do campo de tensão engendrado por ambos.”¹² Se olharmos a crise como uma moeda de dois lados, perceberemos um fio de esperança do outro lado da moeda, como bem disse a Analzira: “as crises oferecem à comunidade possibilidades de confrontação, viabilizam novas escolhas e tornam-se necessárias para que o novo possa emergir”¹³.

A vida da igreja e seu engajamento na arena pública estão intimamente conectadas ao plano cósmico-redentor de Deus para o homem e sua criação, ao se engajar na arena pública a igreja participa da narrativa histórica de Deus no mundo de Deus, vivendo com alteridade e integridade influenciando todas as esferas de influência da sociedade quer seja, política, social, económica, educacional, saúde e artística.

A Missionalidade da igreja deve ser holística, isto é, deve ser abrangente e inclusiva que alcança o homem e tudo à sua volta. O engajamento da igreja africana precisa ser coerente, ampla e profunda quanto o são as necessidades e as exigências humanas do seu povo. A igreja africana como comunidade missional, não faz apenas perguntas que os crentes, teólogos e as igrejas fazem, mas também lida com as aspirações e paixões do continente africano, trabalhando para combater os demônios mais obscuros do continente, má-governança, corrupção, injustiça socioeconômica, competição religiosa, conflitos tribais e étnicos e dominação política.

¹¹ Ibid, p.150

¹² BOSH. Missão Transformadora: **Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão**, p.24

¹³ NASCIMENTO. **Evangelização ou colonização?** o risco de fazer missão sem se importar com o outro, p. 18

Antes da queda, o homem vivia em perfeita harmonia, com Deus, a beleza pairava sobre a criação. O homem tinha prazer no seu trabalho, na sua família e no que estava à sua volta. No jardim do éden Deus se relacionava de maneira plena com o homem. A queda do homem causou a sua separação com Deus, o caos agora paira sobre a criação, e o trabalho se tornou um fardo. Segundo Wright.

“A desobediência e a rebelião do homem para com Deus, trouxeram resultados desastrosos sobre a criação de Deus. O mal e o pecado se entrelaçaram em cada aspecto da criação de Deus e em cada dimensão da personalidade humana na terra. Na dimensão física, estamos sujeitos a decadência e morte vivendo em um ambiente poluído e caótico. Na dimensão intelectual, usamos nosso poder de racionalidade para explicar, desculpar e normalizar os nossos pecados. Na dimensão social, cada relacionamento foi corrompido, o parteno, materno, conjugal, familiar. Na dimensão espiritual, fomos separados de Deus porque todos pecaram e destituído estão da glória de Deus”¹⁴.

Na dimensão ambiental vemos a degradação do Meio Ambiente, como poluição das águas, caça ilegal de animais, desflorestação e crise ambiental. A Bíblia nos oferece o Evangelho que trata cada dimensão do problema criado pelo pecado. Timothy Keller no seu livro, “Igreja Centrada, no Cap.11 A Tensão da Cidade”¹⁵. Ele fala que a igreja é chamada a participar do dia a dia da cidade, Keller faz referência do texto de (Jeremias 29.1-7). Quando o povo judeu foi deportado para Babilónia e Deus deu a eles uma Missão, de como o seu povo deveria viver no meio da Babilónia. Resumo aqui alguns aspectos desta Missão, que entendemos ser parte da natureza da igreja que se engaja na arena pública do seu contexto.

Iº. Construam casas e habitam nelas: naquele contexto construir casas dizia ser, pertencer, exercer cidadania em um lugar. Como cooperadores de Cristo, a igreja em África precisa exercer sua cidadania, exercer cidadania é respeitar direitos e deveres, é respeitar a constituição do país, Deus chama seu povo para serem cidadãos excelentes/exemplares do país em que vivem, trabalhando pela justiça, amando e servindo a cidade com palavras e obras, pela segurança e pela paz.

¹⁴ WRIGHT. *A missão do Povo de Deus*, p.50

¹⁵ KELLER. *Igreja Centrada*, p.162-174

O conceito de shalom do Antigo Testamento, a palavra hebraica para “paz,” abrange noções de cura, integridade e unidade de relacionamentos. O shalom é ameaçado pelo pecado e pelo mal. Na África, essa ameaça muitas vezes vem na forma de corrupção, guerras, fome, rejeição, que atuam contra o bem comum de toda a sociedade, a igreja precisa proclamar a vida, morte e ressurreição de Cristo, que tornam possível a libertação dessas ameaças.

IIº. Casem-se e tenham filhos e filhas: o texto fala sobre construir família, a família é uma das melhores maneira de expressar Deus, pois Deus existe em comunidade, como evidenciado pelos relacionamentos dentro da Trindade e Ele estende a mão para além de si mesmo para cuidar de toda a criação. Essa mesma atitude deve formar o senso de responsabilidade da igreja África ao se engajar na arena pública. “Não devemos ser como Caim que negou a sua responsabilidade de cuidar do seu irmão, mas devemos obedecer a Cristo e amar nosso próximo como a nós mesmos. Ao fazer isso, construiremos a comunidade humana edificada em Cristo e veremos o próximo não como um extra-opcional, mas como parte do que significa ser como Deus. Pois todos os seres humanos carregam a imagem de Deus e são dotados de direitos e responsabilidades na criação”¹⁶. Isso implica que a dignidade humana de todos deve ser respeitada. O mandato de Deus sobre a Igreja em Missão, é ser exemplar não pelo que têm, mas pelo que são, filhos de Deus.

IIIº. Busquem a prosperidade da cidade: Deus chama o seu povo não somente para viver aqui nesta terra e esperar ir para os céus, mas para trabalhar abundantemente no desenvolvimento social, económico, político e espiritual da cidade, se envolvendo no dia a dia da cidade e trazer uma harmonia ambiental na cidade que vive, manifestando o reino dos céus.

Segundo Stott “a Igreja tem uma dupla responsabilidade cultural em relação ao mundo que vive, por um lado a Igreja deve viver, servir e testemunhar no mundo os propósitos de Deus em todas as coisas criadas, por outro a Igreja deve evitar se contaminar com as ideias que corrompem a criação e desumanizam a humanidade”¹⁷.

¹⁶ AGANG. **Teologia Pública Africana**. 2022, p.155

¹⁷ STOTT. **O discípulo Radical**, p.13

Para impactar as esferas de influência do seu tempo a igreja africana deve viver como um povo redimido, se cremos que o Evangelho oferece a verdadeira narrativa do mundo, e estamos, portanto, empenhados em moldar nossa vida inteira em conformidade com Ele, então nos envolveremos de facto com a narrativa de Deus que está a acontecer ao nosso redor. Vivenciaremos as Boas Novas do Reino de Cristo como a alternativa crível ao modo de vida de nossos contemporâneos, convidando-os a deixar as crenças idólatras da narrativa cultural e a compreender o mundo e viver nele segundo à luz do Evangelho de Cristo.

Goheen, em seu livro “Introdução à cosmovisão cristã,”¹⁸ apresenta uma abordagem bíblica, de como a igreja pode se engajar na arena pública e impactar as esferas de influência da sociedade, que estão inundadas de corrupção, abuso, mentira, negligência, racismo. E como uma comunidade que se engaja na arena pública, a igreja africana precisa discernir as crises e gemidos do mundo à sua volta como uma oportunidade para manifestar o plano redentor de Deus nestas esferas de influência, como:

Economias e Negócios: comprar e vender eram tão comuns no Antigo Testamento como são hoje. É difícil trabalhar com integridade dentro de uma estrutura com objetivos errados: uma empresa que funciona desafiando os princípios bíblicos provavelmente será um lugar muito difícil para um cristão dedicado. Para se engajar na arena pública no contexto africano a igreja, deverá apoiar práticas justas nos negócios, deverá se concentrar no desenvolvimento de empresas locais que encarnando princípios bíblicos contribuem para o desenvolvimento socioeconômico da sociedade, deverá se preocupar com a falta de desemprego ao seu redor e buscar políticas ou criar fórum próprios para a criação de negócios, primando sempre por negócios justos que glorifiquem a Deus e abençoe a sociedade.

Política: o governo procede de Deus, mas o drama bíblico nos convoca a fazer o que pudermos para conduzir a política de tal maneira que glorifique a Deus e abençoe todos os povos.

¹⁸ GOHEEN e BARTHOLOMEW. *Introdução à cosmovisão cristã*, p.215-220

Não se trata de politizar o Evangelho de Cristo, pois ele não é de esquerda nem de direita, o Evangelho é de Cristo, que É tudo em todos e sobre todos. Para se engajar na arena pública no contexto africano a igreja, precisará buscar justiça pelos injustiçados, oprimidos, empobrecidos por causa dos sistemas do seu mundo que desumanizam a pessoa. Para se engajar na arena pública no contexto africano a igreja, precisará ser a voz profética na arena pública, não se conformando com as injustiças e corrupção, mas confrontar com a verdade e criar fórum de diálogo para apontar caminhos para se fazer melhor política.

Esportes e Competição: esportes, atividades desportivas e competição são, portanto, bons quando vistos como um dos aspectos válidos do mundo de Deus e quando estão em conformidade com o propósito de Deus na criação, mas podem facilmente se tornar ídolos, assumindo uma posição de adoração que por direito pertence a Deus.

Criatividade e arte: historicamente, a igreja tem uma grande tradição de arte e criatividade. A própria bíblia contém muita literatura extraordinariamente bela em forma de poesias, parábolas, narrativas mágicas e cômicas, biografias. No passado a Igreja foi o centro da criatividade artística, em que manuscritos decorados e iluminados, pinturas esculturas, vitrais, poesia e peças teatrais, literatura, música e arquitetura se uniram para proclamar a glória de Deus. É um rico legado que precisamos recuperar, precisamos reconhecer as possibilidades da criatividade em todas as diferentes áreas de nossa vida, é verdade que nem todos somos chamados a ser artistas, mas somos chamados a ser criativo e apreciar a arte.

Mundo acadêmico: os acadêmicos cristãos em África deverão trabalhar para arrancar as teorias de seu solo idólatra e replantá-las no solo do Evangelho, onde podem se desenvolver de forma mais frutífera. Os acadêmicos cristãos deverão tentar fazer distinção entre descobertas e estruturas da criação e tendências religiosas idólatras em todas as teorias, em suas próprias inclusive, trabalhando com humildade, fidelidade e devoção a fim de redirecionar o trabalho teórico para que esteja alinhado com uma cosmovisão bíblica.

Educação: para oferecer um testemunho educacional que seja de fato íntegro e relevante, precisamos afirmar que nossa visão da educação está alicerçada em uma cosmovisão muito diferente daquela da cultura ao redor, uma que gera compromissos de fé fundamentalmente diferentes. A tarefa da igreja em África será de questionar e debater-se com a tradição educacional que se desenvolveu em nossa cultura, buscando traduzir fielmente o Evangelho e suas implicações para educação nesse ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O continente africano está inundado por corrupção, injustiça, poluição e violência, Deus chama a sua Igreja não para atacar a cidade, não para serem indiferentes, não para desprezar nem fugir, mas para buscar a paz, a prosperidade e amar a cidade. Fazer o bem e trabalhar para cidade é a natureza da igreja como comunidade missional. Querer o bem, servir e orar pela cidade não apenas revela o amor e a compaixão de Deus, mas edifica o povo de Deus que leva a mensagem do Evangelho. A natureza, as faculdades, as famílias, os seres humanos, os governos, os hospitais, as economias, anseiam com grande expectativa a manifestação dos filhos de Deus – a igreja de Cristo que está em Missão. Cada pessoa se refugiando nas drogas é um gemido, a política, a educação, a saúde, a economia gemem não só por novas ideias e filosofia, mas por restauração e redenção. Na medida que a igreja como comunidade missional encarnar em si a Missão de restauração e redenção, todas as coisas vão convergir em Cristo. Esta é uma das perspectivas da igreja missional no contexto africano hoje, não só hoje, mas até Cristo voltar, onde todos cristãos são missionários, cooperadores do que Deus está fazendo neste século. É assim que vive e age a igreja que se engaja na arena pública do seu contexto!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGANG, Bobai Sunday. **Teologia Pública Africana**. Carlisle/Cumbria: Langham Publishing, 2022.

GOHEEN, Michael e BARTHOLOMEW, Craig. **Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na interseção entre a cosmovisão bíblica e contemporânea**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

KELLER, Timothy. **Igreja Centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Comunicação e Cultura: a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto transcultural**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

MBEWE, Conrad. **O Projecto de Deus para a Igreja: um guia para pastores e líderes africanos**. São Paulo: Fiel, 2022.

NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização? O risco de fazer missão sem se importar com o outro**. Viçosa. MG: Ultimato, 2015.

NICHOLLS, J. Bruce. **Contextualização: uma teologia do evangelho e cultura**. São Paulo: Vida Nova, 1983.

NKRUMAH, Kwame. **Luta de Classes na África**. Edições Nova Cultura, 2018.

WRIGHT, J. H. Christopher: **A Missão do Povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

STOTT, Jonh. **O discípulo Radical**. Viçosa, MG: Ultimato, 2011.

TAYLOR, William. **Missiologia Global para o século XXI: A consulta de Foz de Iguaçu**: Londrina. Descoberta, 2001.